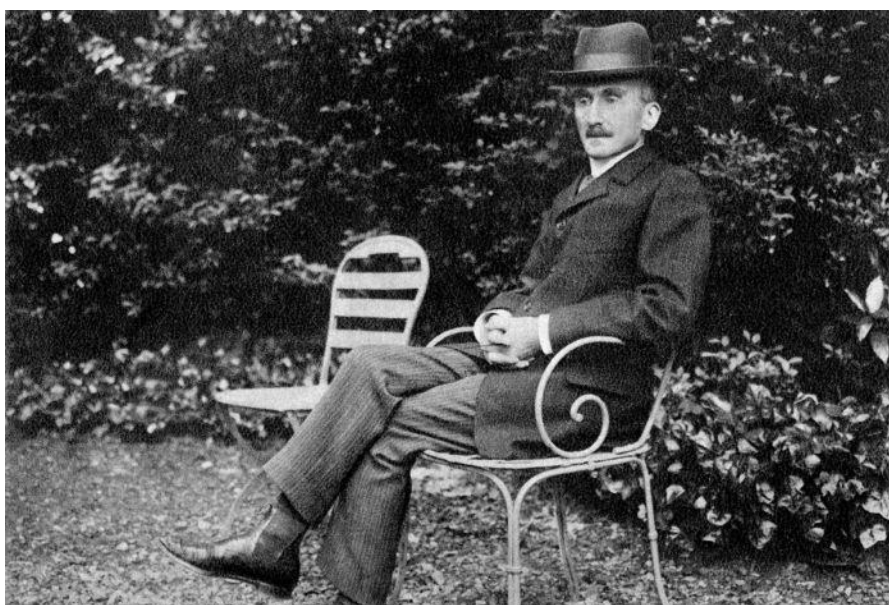


A intuição filosófica em Bergson

Márcio Sales

Doutor em Filosofia



1

1. O que é a filosofia (conceito, imagem e intuição)

O propósito deste ensaio é definir o que é a filosofia na concepção de Bergson. O fio condutor será a noção de intuição em sua articulação com outros conceitos fundamentais do pensamento bergsoniano, a saber: duração, movimento, tempo, memória, impulso vital e virtualidade. Estes conceitos serão analisados a partir de dois textos: *Introdução à metafísica*, de 1903 e *A intuição filosófica*, de 1911; ambos compõem uma coletânea de textos de Bergson, publicada com o título *O pensamento e o movente*, de 1922, cuja tradução em português, realizada por Bento Prado Neto, foi editada no Brasil pela Martins Fontes em 2006. No entanto, os dois textos citados também fazem parte do volume dedicado a Bergson na coleção *Os pensadores* (1979), traduzidos por Franklin Leopoldo e Silva, e que serviram de referência no presente trabalho.

Na nota introdutória de *O pensamento e o movente* Bergson diz que os textos ali reunidos versam principalmente sobre o método que ele acredita ser necessário recomendar ao filósofo (cf. BERGSON: 1922, p. 1). O método é o intuitivo. Segundo Bergson, a essência da filosofia é a intuição. (cf. BERGSON: 1911, p. 66). Partindo desta tese fundamental de Bergson o que se pretende é especificar a atividade filosófica como uma atividade intuitiva.

Na conferência intitulada *A intuição filosófica* ele se dedica a uma reflexão sobre o espírito filosófico. *O que significa filosofar?* É como se Bergson estivesse colocando em questão qualquer resultado, qualquer descoberta, qualquer afirmação que não estivesse fundamentada no verdadeiro princípio que rege o filosofar. Se a filosofia se desvia de sua essência ela se perde no seu propósito e deixa de ser filosofia. Neste sentido, a pergunta que se impõe não é qual seria a melhor maneira de filosofar; antes, a pergunta – *o que é a filosofia?* – indica que só há um ponto de partida para o filosofar. A filosofia só possui uma essência. O que é a filosofia nos remete, pois, ao modo de ser da filosofia, que é também o modo de ser do pensamento e da vida. Por isso perguntar pela filosofia é perguntar pelo caminho que leva até o coração da vida, da existência e do pensamento. A filosofia é um impulso que nos lança no coração das coisas através da intuição. Pensar é uma questão vital. Tal vitalismo é uma marca constante do pensamento de Bergson.

Logo no início da conferência Bergson esboça esta aproximação entre a filosofia e a vida. E indica que esta aproximação deve se dar pelo “que há de essencialmente espontâneo no pensamento filosófico”. (BERGSON: 1911, p. 55). No final do texto ele insiste nesta aproximação dizendo que “quanto mais nos penetrarmos desta verdade, mais inclinados estaremos a fazer com que a filosofia deixe a escola e se aproxime da vida” (BERGSON: 1911, p. 66). Essa ligação com a vida não será alcançada, segundo Bergson, pela complicação da letra, mas pela simplicidade do espírito. Não será, portanto, pela legitimação do saber ou pelo acúmulo do saber adquirido ao longo da história do pensamento, mas por um caminho mais simples. A ideia de simplicidade é fundamental para Bergson. Afirmar que a filosofia é um ato simples não quer dizer que ela seja imprecisa ou sem rigor. Ela é simples porque é um ato espontâneo que nos lança no absoluto. O filósofo parte de uma intuição original que é simples. Esta intuição diz respeito à maneira como ele é afetado pelas coisas. A complexidade está na tentativa de explicar o simples da intuição, de dizer o que se sente. O conceito é complexo, mas esta

complexidade é segunda em relação à simplicidade da intuição. O equívoco está em tentar partir da complexidade dos conceitos apresentados pelos filósofos ou ficar estacionado neles. A filosofia começa com o ato simples da intuição. E se ela lança mão da complexidade dos conceitos não é para ali se estacionar, mas para exprimir, ou pelo menos tentar exprimir, o simples da intuição. O conceito, juntamente com a imagem, é uma forma de expressão. Por isso que o filósofo, para expressar a sua intuição, opera através de conceitos. E é através desta operação que se constitui um sistema filosófico (cf. BERGSON: 1911, p. 63). Mas não são nos conceitos que sua filosofia se concentra; antes, naquilo que os conceitos indicam de uma experiência mais original que é a intuição. “É em conceitos que o sistema se desenvolve; é numa imagem que ele se concentra quando fazemos recuar para a intuição de que descende: porque, se queremos ultrapassar a imagem em direção a algo mais alto, necessariamente recaímos nos conceitos, e em conceitos ainda mais vagos, ainda mais gerais do que aqueles de que havíamos partido em busca da imagem e da intuição” (BERGSON: 1911, p. 62).

Muitas vezes a complexidade dos conceitos ofusca a simplicidade da intuição original do filósofo. Mas não nos deixemos iludir; é da intuição que começa a filosofia. Quando entramos em contato com um sistema filosófico a sua complexidade conceitual não tem outro intuito senão dizer o simples da intuição filosófica. “Tomemos tudo o que o filósofo escreveu, façamos remontar essas ideias espalhadas à imagem de que descendem, elevemo-las, encerradas agora na imagem, até a fórmula abstrata que se enriquecerá de imagens e de ideias, atenhamo-nos então a esta fórmula e veremos – ela já tão simples – simplificar-se ainda mais, tornar-se tanto mais simples quanto mais coisas tivermos levado para ela, elevemo-nos enfim com ela, subamos ao ponto em que se concentraria em tensão tudo o que estava dado em extensão na doutrina: representar-nos-emos desta vez como, deste centro de força, aliás inacessível, parte o impulso que dá o elã, isto é, a própria intuição” (BERGSON: 1911, p. 63). Entre o conceito e a intuição Bergson considera a imagem um meio termo. A imagem é intermediária entre a simplicidade da intuição concreta e a complexidade das abstrações conceituais. Acerca da imagem, ele afirma: “se não é a própria intuição, dela se aproxima muito mais do que a expressão conceitual, necessariamente simbólica, à qual a intuição tem de recorrer para fornecer ‘explicações’” (BERGSON: 1911, p. 56). Por isso que fazer filosofia não se confunde com fazer interpretações ou sínteses dos pensamentos anteriores. A filosofia deve se concentrar na imagem do pensamento; pois desta forma ela estaria

mais próxima da intuição, visto que uma imagem é quase matéria, pois se deixa ainda ver, e quase espírito, pois não se deixa tocar (Cf. BERGSON: 1911, p. 61).

Os conceitos da filosofia seguem o caminho inverso. Primeiro o filósofo se instala na realidade móvel para adotar a mesma direção incessantemente mutável e apreender a realidade intuitivamente. Desse modo ele desembocará em “conceitos fluidos, capazes de seguir a realidade em todas as suas sinuosidades e de adotar o próprio movimento da vida interior das coisas” (BERGSON: 1903, p. 32).

Etimologicamente a filosofia é o amor pela sabedoria. A sabedoria do universo se encontra nas coisas. Cada ser carrega consigo a sabedoria do universo. E para atingir esta sabedoria não é preciso dons especiais; basta amar as coisas. Por isso que a filosofia não se restringe a um saber instrumental; não diz respeito a um conhecimento entendido como uma teoria que coloca o sujeito que conhece frente ao objeto a ser conhecido. Amar quer dizer fundir, ligar, aproximar, ou, para usar um conceito de Bergson, *simpatizar* - “chamamos aqui intuição a *simpatia* pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e, conseqüentemente, de inexprimível” (BERGSON: 1903, p. 14). A filosofia é esse encontro amoroso que ela procura realizar. Na cultura ocidental conhecer é outra coisa. Conhecer é perscrutar, medir, esquadrihar, analisar, julgar, enfim, raciocinar. “Conhecer uma realidade é, no sentido usual da palavra ‘conhecer’, tomar conceitos já fabricados, dosá-los e combiná-los até que obtenhamos um equivalente prático do real” (BERGSON: 1903, p. 24). Sendo assim, a filosofia é menos um ato racional que intuitivo - “filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição” (BERGSON: 1903, p. 25). A filosofia é a arte de intuir. Não se trata de usar bem o raciocínio - “a inteligência deixa escapar do real o que é a sua própria essência” (BERGSON: 1903, p. 31). Aliás, a razão, por ser essencialmente analítica e se expressar através de conceitos, é recoberta por certa complexidade capaz de ofuscar a simplicidade das coisas. Já a intuição é imediata e, por isso, independe dos símbolos para representá-la. A intuição está próxima de um encontro amoroso com as coisas. Nos aproximamos das coisas não para conhecê-las, mas para desfrutá-las, para gozar da sua presença, para firmar com elas uma unidade, para extrair delas o que há de singular e reconhecermos que o mesmo impulso vital que as torna únicas e as faz criar também habita em mim, isto é, corresponde ao *absoluto*. O absoluto é a vida que está no interior das coisas. As coisas testemunham da vida. Há vida nas coisas e também em nós. Intuir

é se apoderar dessa força vital que anima a realidade. É por isso que, para Bergson, através da intuição filosófica, “a vida cotidiana poderá ser reanimada e iluminada” (BERGSON: 1911, p. 67). E a filosofia, por sua vez, não se presta a outra coisa senão a nos proporcionar a alegria – “a filosofia poderia já nos dar a alegria” (BERGSON: 1911, p. 68). Podemos assim aproximar a filosofia de uma experiência espiritual e remetê-la às suas origens. Na experiência grega a filosofia é uma potência ligada à arte do viver. Filosofar significa apreender a vida em sua potência criativa – a vida como obra de arte. Por isso a intuição filosófica é um ato simples a partir do qual conhecemos as coisas. Ela mesma não é conhecimento; é um contato primevo que nos lança na sabedoria do mundo. Mas a partir deste encontro surge a possibilidade de uma análise: “da intuição podemos passar à análise, mas não da análise à intuição” (BERGSON: 1903, p. 26). A ciência torna-se possível.

2. A filosofia e a realidade (em busca do absoluto)

Do que trata a filosofia? Qual é o seu objeto de estudo?

A filosofia trata da realidade, ou seja, da relação do ser com o mundo. Entende-se por realidade tudo o que existe, mesmo que ainda não tenha sido conhecido. A filosofia procura dizer o que a realidade é, o que são as coisas que existem no mundo. Neste sentido, a filosofia é essencialmente o pensamento do ser - uma ontologia. No caso de Bergson, só há um ser, um ser absoluto que se expressa em todas as coisas. E como podemos conhecer este ser? Não em um outro mundo, quer seja ele a Ideia, ou Deus, mas nas próprias coisas. Conhecemos o ser através da sua presença nas coisas. É das coisas que devemos partir para atingir o absoluto. Mas principalmente é a partir do absoluto que entendemos a vida cotidiana. “A vida cotidiana poderá ser reanimada e iluminada” (BERGSON: 1911, p. 67) – “O máximo de transcendência para o máximo de imanência”.

E como podemos conhecer uma coisa? É possível conhecer algo em sua essência? Para Bergson sim. A essência das coisas é o impulso vital que as movimenta e as torna diferentes. Para ele há duas maneiras de conhecer uma coisa. Uma se detém no relativo e a outra atinge o absoluto. A primeira forma se coloca de fora do objeto, enquanto a segunda penetra no seu interior. “Quando falo de um movimento absoluto, é que atribuo ao móvel um interior e como que estados de alma, é, também, porque

simpatizo com os estados e me insiro neles por um esforço de imaginação” (BERGSON: 1903, p. 13). Atingir o absoluto significa não se limitar aos símbolos que representam as coisas. Em relação aos símbolos o máximo que podemos fazer é descrevê-los, contar a sua história e analisá-los. Mas isto não é fazer filosofia. A filosofia aspira à verdade das coisas e não as suas múltiplas possibilidades de interpretação. Por isso que filosofar não é interpretar nem analisar.

O absoluto é o todo, o pleno, a essência, o sentido íntimo de tudo o que existe. Esse absoluto, por sua vez, está presente na realidade como um todo. Por isso que noções como realidade, coisa, objeto, matéria, vida são utilizadas por Bergson de forma indistinta, porém, em planos diferenciados. Um é o plano virtual e outro é o plano atual; um é o plano da matéria e outro é o plano da duração. De qualquer maneira a filosofia é metafísica na medida em que está voltada para o absoluto. “Se existe um meio de possuir uma realidade absolutamente, em lugar de a conhecer relativamente, de colocar-se nela em vez de adotar pontos de vista sobre ela, de ter a intuição em vez de fazer a análise, de a apreender fora de toda expressão, tradução ou representação simbólica, a metafísica é este meio” (BERGSON: 1903, p. 15).

Filosofar é acima de tudo penetrar no espírito que é a essência. Numa palavra: intuir. “Descrição, história e análise me deixam, pois, no relativo. Somente a coincidência com a própria pessoa me daria o absoluto” (BERGSON: 1903, p. 14). O absoluto, portanto, não está em outro lugar, fora de mim. Enquanto ser existente o absoluto está na minha própria existência, na intuição que me liga ao mundo. “Há uma realidade, ao menos, que todos apreendemos de dentro, por intuição e não por simples análise. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. É nosso eu que dura” (BERGSON: 1903, p. 15). Filosofar é encontrar esse elo que nos lança em uma unidade com todas as outras coisas. “Decorre daí que um absoluto só poderia ser dado numa *intuição*, enquanto todo o restante é objeto de *análise*” (BERGSON: 1903, p. 14). Através da intuição nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único. Na análise procura-se encontrar o que o objeto tem de comum com os objetos da mesma espécie, os traços permanentes que caracterizam o objeto. “Quer dizer que a análise opera sobre o imóvel, enquanto a intuição se coloca na mobilidade, ou, o que é a mesma coisa, na duração” (BERGSON: 1903, p. 26). Esta representação da análise se desdobra numa complexidade de aspectos, enquanto na intuição temos um “ato simples”. Daí a tese fundamental de Bergson que diz que a

“metafísica é, pois, a ciência que pretende dispensar os símbolos” (BERGSON: 1903, p. 15). Enquanto ciência do absoluto ela não pode ser explicada, mas apenas intuída.

Assim sendo, apreender a realidade significa apreender quem somos nós. Se quisermos conhecer a realidade, devemos começar por nós, pelo lugar que ocupamos no mundo, pelo modo de ser da nossa própria existência e pela capacidade que temos de intuir. “Desçamos então ao interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que tocarmos, mais forte será o impulso que nos reenviará à superfície” (BERGSON: 1911, p. 65). E ainda: “Há uma realidade, ao menos, que todos apreendemos de dentro, por intuição e não por simples análise. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. É nosso eu que dura. Podemos não simpatizar intelectualmente, ou melhor, espiritualmente, com nenhuma outra coisa. Mas simpatizamos, seguramente, conosco mesmo” (BERGSON: 1903, p. 15) – “o movimento não será apreendido de fora, e, de alguma forma, a partir de mim, mas sim de dentro, nele mesmo, em si. Eu possuiria um absoluto” (BERGSON: 1903, p.13). O ser humano é um ser que, antes de pensar, intui. E esta intuição está ligada à sua existência. Sendo assim, “um conhecimento interior, absoluto, da duração do eu pelo próprio eu é possível” (BERGSON: 1903, p. 19).

Filosofar é um modo de intuir a realidade que é pura mobilidade. “Não existem coisas feitas, mas somente coisas que se fazem, não estados que se mantêm, mas tão-somente estados que mudam” (BERGSON: 1903, p. 31). Filosofar é instalar-se no devir das coisas, nos estados mutantes. “O estado, tomado em si mesmo, está em perpétuo devir” (BERGSON: 1903, p. 25). Consiste na mudança em estado puro, isto é, a mudança como substância – “uma só e mesma mudança que vai sempre se prolongando, como numa melodia onde tudo é devir mas onde o devir, sendo substancial, não necessita de suporte” (BERGSON: 1911, p. 67). Não há nada que cause a mudança uma vez que ela é a causa de tudo, o motor, o impulso vital.

3. A intuição filosófica (duração e memória)

O ato simples da intuição abraça a multiplicidade. A duração é o movimento virtual que, ao atualizar-se, assume direções diversas, pontos de vista múltiplos irreduzíveis. O atual é um modo de ser do virtual, é o virtual presentificado. O virtual é a *diferenciação*. É o movimento permanente, portanto, a mudança pura – o sempre *outro*. Ao atualizar-se a mudança sai de cena e só permanece o *mesmo*. Mas este mesmo é

apenas um estado do ser ou o ser capturado no instante. A essência é o movimento que só pode ser aprendida na duração e nunca no instante. No entanto, para se chegar à duração é necessário partir do presente, do empírico e daí, intuir a duração. Por isso que o método filosófico não pode ser a análise, pois esta permaneceria presa à imobilidade do ser. “Compreendemos que conceitos fixos possam ser extraídos, por nosso pensamento, da realidade móvel; mas não há nenhum meio de reconstituir, com a fixidez dos conceitos, a mobilidade do real” (BERGSON: 1903, p. 31). Intuir significa encontrar no atual o que nele há de virtual. Na verdade Bergson parte de um dualismo, mas para afirmar um monismo radical. Pois no final do processo de intuição os dualismos tais como passado e presente, virtual e atual, memória e matéria compõem aquilo que pode ser chamado de absoluto. O virtual se atualiza de diferentes maneiras, cada qual com a sua singularidade, mas conservando em si a potência do múltiplo. É assim que uma árvore se difere de outra e tal diferença não é apenas de grau, mas de natureza. Cada árvore é uma forma de atualização única e contém em si o impulso do movimento, da mudança – que é o impulso da própria vida, o “impulso vital” – que faz com ela seja sempre outra e nunca a mesma árvore. Diferente em relação às outras e diferente em relação a si mesma – expressão máxima da diferença. Essa diferença é a forma que a vida atua para resolver os problemas que ela encontra em função do próprio fluxo da existência. Nisto consiste o processo evolutivo de tudo que é vivo.

Dispensar os símbolos significa alojar-se na consciência pura, ou seja, naquilo que no fundo de nós mesmos conserva o estado mais uniforme, mais constante, mais durável. Ora, o que conserva a duração em nós mesmos não pode ser outra coisa senão a memória – “consciência significa memória” (BERGSON: 1903, p. 16). A memória é o que nos permite intuir o nosso próprio movimento no tempo. Com ela adquirimos a consciência do modo de ser das coisas, construímos a imagem do pensamento. Mas se a memória está ligada à consciência, a intuição está ligada ao inconsciente. A imagem e o conceito são da ordem da consciência, mas a intuição é da ordem do inconsciente. Se através da memória eu apreendo o que em mim permanece, tenho portanto a sugestão de uma imagem indireta das coisas, a duração pura só pode ser apreendida pela intuição.

A duração é o movimento das coisas em sua totalidade e não pode ser pensada, somente intuída. Fazer com que a consciência chegue até a duração seria impor a ela uma fixação, uma parada, um recorte o que deixaria de ser duração. É neste sentido que a duração é o Tempo e se põe numa diferenciação em relação ao espaço que é exterior,

que se estende, que justapõe a matéria. Já o tempo, a duração é interior, é tensão, é unidade absoluta ou unidade múltipla. “O que importa verdadeiramente para a filosofia é saber *que* unidade, *que* multiplicidade, *que* realidade superior ao uno e ao múltiplo abstratos é a unidade múltipla da pessoa” (BERGSON: 1903, p. 23). E Bergson faz questão de explicar que “esta unidade movente, mutável, colorida, viva, não se parece de maneira alguma com a unidade abstrata, imóvel e vazia, que o conceito de unidade pura circunscreve” (BERGSON: 1903, p. 19). A representação é, pois, a violação da duração. Conceituar é ir além do que se é. “Querer, com conceitos, penetrar na natureza íntima das coisas é aplicar à mobilidade do real um método feito para fornecer pontos de vista imóveis sobre ela” (BERGSON: 1903, p. 28). A metafísica não pode mergulhar no conceito sem antes passar pela experiência intuitiva que é uma experiência interior. “Ou a metafísica é apenas este jogo de ideias, ou, se é uma séria ocupação do espírito, é preciso que transcenda os conceitos para chegar à intuição” (BERGSON: 1903, p. 18). Mas como pensar sem os conceitos? Não se trata de abandoná-los, mas de ultrapassá-los. Ir além dos conceitos ou não se limitar a eles, não pensar a partir deles, mas através deles. Os conceitos não servem para usar o pensamento, mas para serem usados por ele. O conceito é secundário em relação à intuição. Quando os conceitos são insuficientes para dar conta da intuição que se tem, se faz necessário fabricar novos conceitos que sejam flexíveis, móveis sempre prontos “a se moldarem sobre as formas fugitivas da intuição” (BERGSON: 1903, p. 19).

A duração é a essência das coisas que é o movimento. Essência que se dá no escoamento do tempo. “A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós, à medida que envelhecemos” (BERGSON: 1903, p. 25). E a metafísica enquanto intuição indica o fluxo e a ligação permanente das coisas – “intuição, isto é, a investigação metafísica do objeto no que ele tem de essencial e próprio” (BERGSON: 1903, p. 18). Não há um modo de ser isolado do mundo, mas um modo de ser das coisas no mundo, que se faz no mundo e que não se define num conceito posto que é fluido, móvel e nômade.

4. A filosofia e a história da filosofia (os problemas filosóficos)

Definir a filosofia é perguntar também sobre sua própria relação com a história da filosofia; isto é, se reportar à sua própria trajetória. Daí a importância da história da filosofia para se compreender o que ela é. O filósofo coloca os problemas a partir das questões que estão à sua volta e dos conceitos que pega emprestado de outros filósofos ou os que ele mesmo criou. “Mas seria um estranho engano tomar como elemento constitutivo da doutrina o que foi apenas o meio de expressão” (BERGSON: 1911, p. 57). O filósofo utiliza as questões, a linguagem, os acontecimentos de sua época, mas para falar de um problema mais fundamental, a saber: o sentido das coisas – “o sentido, que é menos uma coisa pensada do que um movimento de pensamento, menos um movimento do que uma direção” (BERGSON: 1911, p. 63). O sentido aqui quer dizer a essência das coisas, o modo de ser das coisas, o que constitui a própria vida. Também aqui a história funciona como uma ferramenta para se pensar a nossa realidade. E este sempre foi o “objeto de estudo” da filosofia. Desde o seu surgimento, no século VI a.C., até os dias atuais, esta tem sido a sua tarefa: pensar a realidade. Para Bergson a tarefa da filosofia é penetrar “no interior da matéria, da vida, da realidade em geral” (BERGSON: 1911, p. 65). Para ele tudo que existe é regido pelo mesmo princípio que é um impulso vital que nos coloca em movimento. “A matéria e a vida que abundam no mundo estão também em nós; as forças que trabalham em todas as coisas, sentimo-las em nós; seja qual for a essência íntima do que é e do que se faz, nós nela estamos” (BERGSON: 1911, p. 65).

Mas se a sabedoria das coisas já se encontra em nós, por que se faz necessário recorrer aos filósofos? Qual é a relação da atitude filosófica com a história da filosofia? Ao interpretar alguns filósofos praticamos o filosofar?

Bergson de forma alguma despreza a história da filosofia. Pelo contrário, para ele ela serve como testemunha da experiência filosófica vivida pelos filósofos. O que ele recusa é reproduzir os conceitos dos filósofos e se perder na sua complexidade. Esta complexidade é um efeito de superfície, pois o que ela diz nos remete à simplicidade do absoluto. O filósofo segue a sua intuição. Ele é filósofo quando tem em vista a sua intuição. Os conceitos que utiliza são para dar conta da sua intuição. Ele deixa de filosofar quando seus conceitos se desviam da intuição, pois se tornam falsos problemas.

Os problemas filosóficos nunca são temporais e locais. A filosofia nada tem a ver com a realidade momentânea. Filosofar não é se instalar no aqui e agora. Os problemas do cotidiano são falsos problemas uma vez que são expressões acidentais de uma totalidade essencial. “Separemo-nos desta complicação, remontemos à intuição simples ou ao menos à imagem que a traduz: imediatamente vemos a doutrina libertar-se das condições de tempo e de lugar das quais ela parecia depender” (BERGSON: 1911, p. 57). A expressão do pensamento filosófico esta ligada à linguagem, aos conceitos, às ideias produzidas ao longo da história do pensamento, mas os problemas filosóficos não residem nesta complexidade de sistemas e doutrinas. Esses são maneiras de dizer o que se intuiu. São formas particulares de exprimir o que é universal. O pensamento de um filósofo nada mais é que o movimento que foi impulsionado por um contato essencial com o todo. Só pode filosofar quem foi tocado por esta visão do todo, por essa experiência com o simples.

5. A filosofia como experiência espiritual

Há, em Bergson, uma relação espiritual com a filosofia. Não no sentido de que o filósofo é aquele que transcende a realidade; pelo contrário, é aquele que encontra na imanência a potência do simples, a simplicidade do espírito (cf. BERGSON: 1911, p. 55). O filósofo é aquele que vê na matéria a essência do mundo. Encontra a metafísica na matéria. Trata-se de um empirismo absoluto. Parte da experiência particular para intuir a experiência absoluta.

Em diferentes épocas e de formas diferenciadas os filósofos não cessaram de perseguir o mesmo objetivo: a sabedoria das coisas que se encontra presente nas próprias coisas. Não atrás da aparência, mas na própria aparência. Não há uma profundidade essencial, mas o simples que está na superfície das coisas. Por isso o método intuitivo é empírico, pois parte da experiência concreta imediata. O empirismo de Bergson busca não a matéria, mas a vida que nela habita e a torna móvel. “Um empirismo verdadeiro é aquele que se propõe apegar-se o mais possível ao original mesmo, aprofundar-lhe a vida e, por uma espécie de *auscultação espiritual*, sentir palpitar sua alma; e este empirismo verdadeiro é a verdadeira metafísica” (BERGSON: 1903, p. 23). O conceito é abstrato na medida em que lança sobre o objeto uma camada, uma nebulosa, uma profundidade; o objeto mesmo é superficial, ou seja, a essência está estampada na superfície das coisas. Mas a intuição não captura o objeto em sua

atualidade, mas em sua virtualidade. O atual é o repouso, a repetição; enquanto o virtual é o movimento permanente e a diferença pura.

6. A filosofia e a ciência

Em que sentido a filosofia não é uma ciência? Qual é a diferença fundamental entre a filosofia e a ciência? Que relação existe entre elas? Como preservar um estatuto filosófico sem atrelá-lo ao conhecimento científico? Como ultrapassar o debate que subjuga a experiência filosófica ao saber científico, ou vice-versa?

Bergson procura diferenciar a filosofia da ciência. Não no sentido de opor uma à outra. É que a ciência trabalha sempre no nível da probabilidade. Ela busca generalizações possíveis do que é observado no espaço, atuando sobre “fatos que se justapõem a fatos, que quase se repetem, que se medem uns pelos outros, que se desenvolvem, enfim, no sentido da multiplicidade distinta e da espacialidade” (BERGSON: 1911, p. 65). A ciência, na medida em que está atrelada à matéria, observa a repetição dos fenômenos. É a partir desta repetição que são feitas as generalizações ou de generalizações anteriormente fundadas que se concluem os fatos particulares que se repetem. Tanto em um caso no outro não há certezas, mas apenas probabilidades. O fato de o sol nascer todos os dias não nos garante que ele nascerá amanhã. Já a filosofia atua na certeza e não no possível. Ela não é tateante, mas segura em suas conclusões uma vez que penetra na pura duração e, por via de consequência, no interior da matéria, da vida, da realidade em geral. A ciência vê o exterior da matéria enquanto a filosofia penetra no seu interior, portanto, na sua essência. Não que não haja riscos na filosofia. “Mas o filósofo apenas corre estes riscos porque ele contraiu uma segurança, e porque há coisas das quais sente uma certeza inquebrantável” (BERGSON: 1911, p. 65). A filosofia não se fundamenta na dúvida. A dúvida pertence ao pensamento analítico. A intuição nos lança na certeza das coisas. Por isso ela é o método por excelência, pois independente dos diferentes sistemas filosóficos a intuição estabelece entre eles uma coexistência quando apreendidos em função da intuição que os originou. Neste sentido, embora haja entre a filosofia e a ciência uma diferença de atuação, há também uma relação de implicação. O que faz Bergson concluir que “uma filosofia verdadeiramente intuitiva realizaria a união tão desejada entre a metafísica e a ciência” (BERGSON: 1903, p. 33).

Com já foi observado, o elemento que compõe a matéria e a vida também se encontra em nós. Neste sentido a intuição é também intuição de si mesmo. “A matéria e a vida que abundam no mundo estão também em nós; as forças que trabalham em todas as coisas, sentimos-las em nós; seja qual for a essência íntima do que é e do que se faz, nós nela estamos” (BERGSON: 1911, p. 65). Existe um elemento vital, um impulso vital que está presente em todas as coisas e também em nós. É o princípio ativo que dá origem a tudo. A intuição filosófica é este contato com o interior de nós mesmo e que nos remete à superfície das coisas, ou seja, à experiência científica. A ciência é, pois, sobre o exterior, enquanto a filosofia diz respeito a uma interioridade ou a um princípio vital que é interior uma vez que é originário mas que não cessa de exteriorizar. Portanto, não se vai da multiplicidade das coisas para se chegar a uma unidade primordial. Antes, parte-se desta unidade para conceber a multiplicidade, “pois o filósofo não chegou à unidade, ele dela partiu” (BERGSON: 1911, p. 65).

A ciência atua sobre a síntese do universo que é a matéria. Mas a filosofia não opera por síntese, mas desintegra a síntese na intuição. A ciência sintetiza a matéria dispersa no saber geral. Ela atua sobre a repetição formulando uma generalização. Vai do múltiplo ao uno. Já a filosofia parte da unidade, da duração contraída e analisa de modo a extrair dessa unidade a multiplicidade das coisas. A filosofia coloca a análise em movimento. “Mas o ato simples que põe a análise em movimento e que se dissimula por trás dela emana de uma faculdade muito diferente daquela de analisar. Será, pela própria definição, a intuição” (BERGSON: 1903, p. 38) A ciência busca o fato, o feito, o fenômeno. Já a filosofia busca o que faz, o movimento, o impulso vital, a essência da vida. “Com métodos destinados a apreender o feito, ela – a ciência – não saberia, em geral, penetrar no que se faz, seguir o movimento, adotar o devir que é a vida das coisas. Esta tarefa pertence à filosofia” (BERGSON: 1911, p. 66). O cientista captura a realidade uma vez que impõe sobre ela uma ordem do saber, uma complexidade da linguagem e do conceito. Ao tentar tornar a realidade inteligível o cientista rouba do movimento aspectos imóveis e recolhe repetições ao longo do que não se repete. Já o filósofo é o camarada da natureza uma vez que procura conhecê-la sem detê-la, procura apreendê-la no seu próprio fluxo, no seu próprio devir. “O filósofo não obedece nem comanda; ele procura simpatizar” (BERGSON: 1911, p. 66). O filósofo é o amigo da sabedoria presente nas coisas. Ele abraça a simplicidade do mundo.

“A essência da filosofia é o espírito de simplicidade” (BERGSON: 1911, p. 66). É do simples que trata a filosofia. Do simples que está no interior do próprio filósofo, do simples que está no interior de cada coisa. “Sempre vemos que a complicação é superficial, a construção um acessório, a síntese uma aparência: filosofar é um ato simples” (BERGSON: 1911, p. 66). Filosofar é ouvir o canto da vida. Para Bergson, não há nada mais distante da vida do que a escola. Não se aprende a viver na escola, não se aprende sobre a vida nos livros didáticos. Penetrar na simplicidade das coisas através da intuição é fazer com que “a filosofia deixe a escola e se aproxime da vida” (BERGSON: 1911, p. 66).

Fica claro que para Bergson a ciência é diferente da filosofia. A ciência é um modo de olhar que se situa no instante e não na duração. Experimentar a intuição é viver na duração e, por sua vez, o conhecimento que parte da duração já será filosofia. Será filósofo não o que conhece a filosofia, mas o que percebe a vida de forma intuitiva. “Sem dúvida, a intuição comporta muitos graus de intensidade e a filosofia muitos graus de profundidade; mas o espírito que tivermos reconduzido à duração real viverá já uma vida intuitiva e seu conhecimento das coisas já será filosofia” (BERGSON: 1911, p. 67). A atitude filosófica é simples na medida em que se deposita na fluidez contínua do tempo real que corre indivisível. A matéria é que se divide, o tempo é absoluto e sua essência é a mudança - “não mais estados inertes, coisas mortas; nada que não seja a mobilidade de que é feita a estabilidade da vida. Uma visão deste gênero, em que a realidade aparece como contínua e indivisível, está no caminho que leva à intuição filosófica” (BERGSON: 1911, p. 67). Não é preciso, pois, um aperfeiçoamento do pensamento, um bom uso da razão, um domínio da lógica para apreender a realidade em sua essência. Basta utilizar os sentidos e a experiência tal como se dão na intuição. Bergson caminha na contramão do kantismo. Para Kant não é possível conhecer as coisas como elas são, em sua essência. Há limites para o conhecimento e esses limites são justamente os limites da razão. Mas dirá Bergson: o que falta à razão sobra à intuição. A razão é limitada, mas isto não significa que o conhecimento das coisas tais como elas são não seja possível. Sim, ele é possível fora dos horizontes da razão e nas raias da intuição. Bergson, neste sentido, supera Kant. Se Kant renegou a metafísica foi porque se limitou a uma análise do tipo racional. A metafísica consiste na intuição filosófica que encontra nas coisas o sentido da vida que, por sua vez, está na

simplicidade do devir. A essência da vida é o movimento. Não o instante, mas a duração. Não o fim, mas o processo.

Não se trata da afirmação de um irracionalismo, mas de uma outra forma de conhecer fundada na intuição. Por isso filosofar não é conhecer as coisas, mas o movimento das coisas – o devir que é a vida das coisas. Neste sentido, filosofar não é generalizar, universalizar; antes, simplificar, atingir o elemento básico, primordial, o elã originário como fizeram os pré-socráticos. A essência está em tudo, mas principalmente no uno. Não é atingir o todo pela soma das partes, mas intuir na parte o todo (o infinito presente no finito).

7. A doutrina filosófica

Em seus escritos, Bergson faz referência a um espinosismo. O que consiste esta noção? Seria uma referência a uma doutrina? Sem dúvida. Uma doutrina porque é uma sabedoria que procura desvendar os mistérios do mundo e da vida. Uma visão da realidade que remete ao absoluto. Sendo que esse absoluto não é algo exterior à própria realidade, como pertencente a outro mundo. Não há nada relativo em filosofia. O que há são perspectivas distintas sobre o absoluto. A filosofia busca a verdade perene das coisas. É por isso que cada filósofo não diz outra coisa senão a verdade que intuiu. Ao dizer encontra a barreira da linguagem e a complexidade do conceito. Conceitos estes que são seus ou tomados emprestados de outros filósofos. Não importa. O fato é que o pensamento de um filósofo não pode ser alcançado pela simples apreensão dos conceitos que ele trabalha, sem mirar a intuição que o acompanha. Seu pensamento é um conjunto ou, para utilizar as palavras de Bergson, é um organismo (Cf. BERGSON: 1911, p. 58, 60). Um conceito já contém em sua articulação todos os outros conceitos que a ele se juntam e constitui uma marca.

O problema do filósofo é essencial, ou seja, algo que o atinge profundamente, que diz respeito a uma verdade que se traduz numa visão de mundo. A expressão deste problema depende da linguagem de sua época. Mas isto não significa que o problema é específico de sua época, pois se trata de um problema vital, que trata do modo de ser das coisas no mundo. Neste sentido, é possível afirmar que toda filosofia é extemporânea.

Para nos aproximarmos do pensamento de um filósofo precisamos atingir a imagem mediadora que sua doutrina nos fornece através da matéria do seu pensamento

que são os conceitos. Mas ainda esta aproximação que nos fornece uma imagem mediadora, mesmo que acompanhando a evolução do pensamento do filósofo, pode ser outra coisa diferente da imagem que ele concebeu. Ou seja, a minha intuição pode ser diferente daquela experimentada pelo filósofo, e ainda outra, outra e outra, quer esteja de acordo com os mais variados intérpretes. Haveria assim uma intuição melhor que a outra? Não. Cada qual é um extrato de um movimento maior que torna possível a intuição. Uma espécie de fragmento de um todo que não pode ser apreendido em sua totalidade, mas que no conjunto das intuições pode ser também intuído, isto é, pode nos remeter a uma intuição originária. Esta intuição originária não seria uma abstração, visto que é proveniente de uma realidade concreta – “sob pena de ter de falar de ‘intuição originária’ como de um pensamento vago e do ‘espírito da doutrina’ como de uma abstração, ao passo que este espírito é o que há de mais concreto, e esta intuição, o que há de mais preciso no sistema” (BERGSON: 1911, p. 62).

Há sempre o salto do filósofo. Este salto não quer dizer um avanço, um progresso em relação à filosofia que a antecede. O salto é outro modo de intuir. Outro fragmento de intuição que está inserido na intuição originária. O fragmento é o novo que se anuncia. O sistema ao articular seus conceitos a partir de um plano de linguagem intui de uma maneira inteiramente nova. Mas estes recortes, relações, montagens e arrumações do sistema caminham sempre no sentido de uma intuição original.

É assim que Bergson encontra a filosofia de Berkeley. Bergson mostra como os conceitos trabalhados por Berkeley já faziam parte de outros registros filosóficos precedentes ou contemporâneos: em Duns Scot, em Descartes, em Hobbes, em Malebranche, em Locke. Mas ir até estes pensadores para tentar compreender o pensamento de Berkeley é cometer um erro. Embora Berkeley recorra a tais registros e conceitos seu pensamento é outra coisa. É um novo movimento, um novo fluxo, uma nova expressão da intuição original. Não basta juntar esses pensadores numa espécie de “salada” filosófica e tentar encontrar aí o que Berkeley fez. Diz Bergson, “aquele que assim proceder será incapaz de penetrar no pensamento de Berkeley” (BERGSON: 1911, p. 59). Não pela dificuldade de analisar os diferentes conceitos de diferentes autores, mas justamente por faltar uma fusão que faça coexistir tais conceitos. “O que quero dizer é que nos é impossível examinar atentamente a filosofia de Berkeley sem ver, primeiramente, aproximar-se, depois, se interpenetrarem as quatro teses que nela havíamos distinguido, de maneira que cada uma delas parece tornar-se plena das três

outras, destacar-se e se aprofundar, distinguindo-se radicalmente das teorias anteriores ou contemporâneas com as quais poderíamos fazê-la coincidir superficialmente” (BERGSON: 1911, p. 60). Bergson mostra como as quatro teses estão interligadas e afirma que “assim as diversas partes do sistema se interpenetram, como num ser vivo” (BERGSON: 1911, p. 61). Esta analogia com o corpo vivo não é casual. Bergson estabelecerá uma conexão radical entre o pensamento e a vida. O movimento do pensamento em sua “evolução criadora” coincide com o próprio movimento da vida. Assim sendo, a vida é um sistema regido por sua própria lógica – a lógica da vida. O pensamento é fecundo quando participa desta lógica que, antes de ser racional, é intuitiva, ou seja, inconsciente. Trata-se de ir ao encontro do sentido das coisas, do sentido da própria vida.

Mas mais que mostrar a singularidade do pensamento de Berkeley, Bergson afirma a singularidade do seu próprio pensamento. Ele assinala o salto que dá em relação a Berkeley. Berkeley fala de duas vontades em que uma é limitada pela outra. Ou ainda que uma é a expressão da outra. Assim, na sua teoria, Deus estaria por trás de todas as manifestações da matéria, uma vez que é justamente o encontro das duas vontades que constitui a matéria – “o ponto de interseção dessas duas vontades é justamente o que chamamos matéria” (BERGSON: 1911, p. 61). Na compreensão de Bergson essa vontade soberana não está em Deus, mas no tempo, na duração, na virtualidade da existência que se atualiza na matéria. Não que Berkeley tivesse se equivocado. Seu problema é legítimo e sua intuição vai de encontro à intuição original. A linguagem de sua época é que tornou possível uma tal formulação

É neste sentido que um pensamento não se esgota. Ele se lança ao infinito num processo permanente de evolução criadora. Bergson não pretende ter a palavra final. Seu pensamento surge como um novo a partir do qual novas formas serão evoluídas. A questão é não se desviar do problema essencial da filosofia, não se enveredar por falsos problemas. De modo que se há um processo evolutivo do pensamento, assim como a vida evolui, há também falsas filosofias que se assentam em falsos problemas. O cuidado que se deve ter é no sentido de manter-se no método que conduz à sabedoria das coisas; a saber, a intuição. É no espírito da doutrina que se deve manter-se quando se avalia um pensamento.

Entre a matéria do pensamento e o espírito da doutrina encontra-se a imagem mediadora. É ela que permite permanecer na intuição originária. A imagem mediadora

fornece para o intérprete não necessariamente a mesma percepção do mestre, mas uma percepção equivalente que remete à intuição originária. Por intuição originária entende-se a intuição não da matéria, mas do modo de ser da matéria. Trata-se de uma intuição do todo na parte. Quando se fala de uma intuição originária é no sentido de uma intuição que nos remete à origem, ao ponto de partida, um “ato do pensamento que leva este pensamento, por via de uma subdivisão crescente de si mesmo, a esparramar-se cada vez mais em planos sucessivos do espírito até que atinja o da fala” (BERGSON: 1911, p. 63). A intuição, portanto, é anterior à fala, ao conceito. Mas é ela que nos aproxima da simplicidade do absoluto. Bergson a compara a um impulso dado à vida embrionária que faz com que as células se dividam até que o organismo completo seja formado. De modo que em cada órgão que compõe o organismo haja a presença daquele impulso original. Assim a complexidade do organismo encobre a simplicidade deste impulso primevo. Cada célula abriga o princípio vital da existência – a lógica da vida. Sendo assim, a vida que há no coração é a mesma que há no pulmão. O princípio é o mesmo a despeito das funções. Seguir a intuição é observar a vida em sua simplicidade originária. “O mesmo pensamento se traduz assim em frases diversamente compostas, em palavras totalmente diferentes, desde que estas palavras guardem entre si a mesma relação” (BERGSON: 1911, p. 63). Esse caminho que vai da complexidade da matéria à simplicidade da intuição é o que constitui uma filosofia. Ao entrar em contato com a matéria somos capazes de intuir o todo. Daí Bergson concluir que “há uma realidade exterior e, entretanto, dada imediatamente a nosso espírito” (BERGSON: 1903, p. 30). Esses dados imediatos são recebidos pela intuição.

A matéria para Berkeley é como “uma fina película transparente situada entre o homem e Deus” (BERGSON: 1911, p. 62). De modo que o homem possa ver Deus através da matéria. Deus se mostra através dela. Deus está na matéria. Mas quando o filósofo encobre a matéria com seus conceitos é como se a película transparente se ofuscasse e impedisse a apreensão de Deus na matéria. Palavras como substância, força formam uma camada de poeira que nos impede de perceber Deus. Ou ainda a matéria é “uma língua em que Deus nos fala” (BERGSON: 1911, p. 62). E neste caso também a metafísica desviaria nossa atenção do sentido para o som e nos impediria de acompanhar a palavra divina. Esta formulação de Berkeley se não é a intuição geradora da doutrina, deriva imediatamente dessa intuição. É nesta brecha que Bergson se situará para construir a sua própria doutrina.

A intuição não se dá de forma conceitual. O conceito é uma complexidade em relação à simplicidade da intuição. Entre a intuição e o conceito encontra-se a imagem mediadora. Neste sentido a imagem está mais próxima da intuição do que o conceito. Pensar por imagem, antes que por conceito, ou melhor, por conceitos que remetem à imagem. Esta seria a filosofia capaz de se aproximar da essência das coisas. Todo sistema filosófico se desenvolve em conceitos, mas os conceitos produzem imagens. Por isso o percurso que leva a compreender a doutrina de um filósofo não deve ser das imagens para o conceito, mas dos conceitos para as imagens e destas para a intuição. Ao atingir a intuição atingi-se a própria filosofia.

“Tomemos tudo o que o filósofo escreveu, façamos remontar estas ideias espalhadas à imagem de que descendem, elevemo-las, encerradas agora na imagem, até a fórmula abstrata que se enriquecerá de imagens e de ideias, atenhamo-nos então a esta fórmula e veremos – ela já tão simples – simplificar-se ainda mais, tornar-se tanto mais simples quanto mais coisas tivermos levado para ela; elevemo-nos enfim com ela, subamos ao ponto em que se concentraria em tensão tudo o que estava dado em extensão na doutrina: representar-nos-emos desta vez como, deste centro de força, aliás inacessível, parte o impulso que dá o elã, isto é, a própria intuição” (BERGSON: 1911, p. 63).

8. O bergsonismo

Nesses dois textos de Bergson encontramos alguns traços fundamentais do seu sistema filosófico. Sua filosofia se apresenta como uma metafísica que busca a essência das coisas na imanência. Trata-se de um empirismo radical que visa o modo de ser das coisas. Portanto, um pensamento que se instaura na diferença infinita. Considerando que apenas a matéria tem forma e o infinito não, essa diferença infinita produz individuações que se dão através da matéria. Neste sentido, cada matéria, enquanto corpo, carrega consigo o espírito da diferença, a ideia da diferença. Desta forma, o pensamento, a partir da intuição, nos lança na alma das coisas para apreendê-las enquanto movimento. É por isso que para Bergson não há filosofia fora da intuição, pois somente através da intuição é possível problematizar a realidade das coisas. E fazer filosofia é problematizar, não estabelecer verdades. O mundo tal como nos aparece é um artifício, uma ficção, uma construção que se dá no espaço, na matéria, no volume. Mas o espaço não passa de uma representação do tempo, ou melhor, uma cristalização do

tempo. O tempo é a potência do movimento, da duração, portanto, ele nos coloca na essência das coisas. Quando o tempo perde essa potência ele se espacializa, se torna inerte. Mas o mundo não é essa inércia. Colocar-se na imobilidade das coisas constitui um falso problema filosófico. Filosofia não é alojar-se no aqui e agora. Sendo assim, o mundo só pode ser apreendido a partir do devir que o constituiu, portanto, no tempo, na duração. Nisto consiste o problema filosófico de Bergson: intuir o movimento que está na essência da matéria. A essência não está na própria matéria, mas na memória que dela se tem, no tempo do qual ela faz parte. Enquanto o conhecimento busca verdades espaciais que são extensivas, repetitivas, o pensamento busca problemas que são temporais, da ordem da tensão, da mudança, da diferença.

O pensamento de Bergson nos remete a um princípio. Não o princípio no sentido de origem, de início nem tampouco de fundamento. O princípio é o que instaura e não o que fundamenta. O que fundamenta são os conceitos, o princípio instaura a realidade. O princípio é eterno, uno e simples. É nele que está a essência das coisas. Fora do princípio só há ficções. Os conceitos são ficções, são máscaras, são representações. O princípio precede ao conceito. Ele não pode ser dito apenas intuído. Falar do princípio é cristalizá-lo, é convertê-lo ao conceito. Neste sentido, o princípio é a impredicabilidade e, conseqüentemente, a impossibilidade da análise. Falar dele é forjá-lo com a marca do conceito, o que o tornaria uma ficção. Mas a filosofia começa com o princípio. Se ela lança mão dos conceitos ou fabrica novos conceitos é para nos remeter ao princípio. Os conceitos filosóficos são estratégicos na medida em que nos direcionam para o princípio. É neste sentido que a filosofia opera através de conceitos; não para reproduzi-los ou para legitimá-los, mas para que sirvam de explosivos que possam abrir o caminho que nos leva ao princípio.

Os conceitos produzem a imagem do pensamento. Não verdades, mas as imagens que compõem um plano de imanência. É neste plano de imanência que a filosofia irá atuar. Ao operar com os conceitos não são os fenômenos que ela busca, mas as imagens que estão no plano de imanência e que nos aproximam do simples da intuição. Por isso a imanência é o retorno ao simples, a conversão à simplicidade. O simples é o não conceitual, o que só pode ser apreendido na intuição. Neste sentido a intuição é que instaura o conceito e é a condição de sua funcionalidade. Somente ela permite reconhecer o que há de impensado no conceito, somente ela faz com que a complexidade do conceito nos aproxime da simplicidade do absoluto que é o uno. E

instaurar-se no uno não significa negar a multiplicidade. Na própria ideia de uno encontra-se já aí o múltiplo. Se Bergson pensa através de um dualismo é para superá-lo e se instaurar num monismo que comporta toda a multiplicidade e diferença.

Ao utilizar a intuição como método o que Bergson pretende é fazer da filosofia uma expressão e não uma comunicação. A comunicação é da ordem dos conceitos, da linguagem, mas a expressão nos coloca no absoluto de forma singular. Ao se expressar uma nova singularidade é produzida no absoluto da duração. O singular é o simples, a menor partícula, o que se difere dos demais – a diferença absoluta. A expressão faz parte do movimento do pensamento, nos coloca na diferença do pensamento, enquanto a linguagem é a repetição do que já existe. Ao se expressar a filosofia não comunica nada, ela se coloca no inatual, no movimento da duração. Por isso que filosofar não é analisar. O método analítico esconde os verdadeiros problemas uma vez que perde o efeito do movimento ao se deter no atual. Mas o atual é apenas um modo de ser da duração. Os verdadeiros problemas filosóficos não estão na atualidade, mas naquilo que as rege como princípio – a duração.

Neste sentido a intuição é pré-individual uma vez que não é atual. O conceito é apenas um modo na intuição. A intuição é a composição das durações que dispensa a relação sujeito e objeto. Não há aquele que intui e aquilo que é intuído. A intuição é a expressão do absoluto. Se há um sujeito ele não é o sujeito que intui, mas o sujeito que participa de uma perspectiva da intuição. Essa perspectiva faz parte de um plano absoluto. Ela é uma espécie de fragmento do todo onde o todo ali já se encontra. Assim, o pensamento produz perspectivas e não conhecimento. As perspectivas são as dobras do pensamento num movimento lançado ao infinito. Nesse desdobramento ora o fora é o dentro ora o dentro é o fora conforme o diagrama que se compõe. Não há o interior e o exterior, o sim e o não, o que se afirma e o que se nega. Só há perspectivas que são o desdobramento de um todo. Desse modo, o pensamento de Bergson é essencialmente afirmativo, pois não se opõe a nada. Sua afirmação é pura na medida em que não se dá na contradição, como acontece com a dialética. Em Bergson tudo é recoberto de uma positividade; a filosofia é essa positividade que ao afirmar o absoluto afirma nele a diferença.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Introdução à Metafísica*. (1903) Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção *Os pensadores*).

_____. *A intuição filosófica*. (1911) Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção *Os pensadores*).

Rio de Janeiro, setembro de 2020